



Licenciatura em
**ARTES
VISUAIS**
com ênfase em
DIGITAIS

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia

Georgina de Albuquerque, Impressionista: da produção ao Ensino da Arte

Cleide de Brito Granja

Afrânio-PE.
2023



CLEIDE DE BRITO GRANJA

Georgina de Albuquerque, Impressionista: da produção ao Ensino da Arte

Monografia apresentada junto à Unidade de Educação a Distância e Tecnologia – EADTec/UFRPE como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientador(a): Niedja Ferreira dos Santos Torres

Afrânio-PE.
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G759g

Granja, Cleide

Georgina de Albuquerque Impressionista: da produção ao Ensino da Arte / Cleide Granja. - 2023.
46 f. : il.

Orientador: Niedja Ferreira dos Santos Torres.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Artes Visuais, Recife, 2024.

1. Georgina de Albuquerque. 2. Artes Visuais. 3. Mulheres artistas. 4. Impressionismo. I. Torres, Niedja
Ferreira dos Santos, orient. II. Título

CDD 700

FOLHA DE APROVAÇÃO

Cleide de Brito Granja

**Georgina de Albuquerque, Impressionista:
da produção ao Ensino da Arte**

Monografia apresentada junto à Unidade de Educação a Distância e Tecnologia – EADTec/UFRPE como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Aprovada em: 21/12/2023

Banca Examinadora:

**Prof.^a Niedja Ferreira dos Santos Torres
(UFPE) – Orientadora.**

Felipe de Brito Lima (UFRPE) – Examinador

Luana da Silva Rito (UFRPE) - Examinadora

Dedico este trabalho a minha filha Ana Caroline
e a todas as mulheres que lutam contra
obstáculos impostos pela sociedade, para que
não sejam mais esquecidas ou apagadas da
história.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, que em todos os momentos me apoiaram, em especial a minha filha, que sempre estava do meu lado, me apoiando, mesmo nas horas mais difíceis. Aos meus amigos por sempre estarem à disposição quando eu mais precisava. Aos meus colegas de turma pelo apoio, carinho, amizade, companheirismo e por todas as aprendizagens vivenciadas ao longo da árdua caminhada.

Agradeço em especial a minha orientadora, Niedja Ferreira dos Santos, que me estendeu as mãos e se colocou à disposição, me apoiando em todos os momentos para a produção deste trabalho.

Gostaria também de agradecer às instituições de ensino às quais fui vinculada ao longo do meu percurso acadêmico e que contribuíram decisivamente para a minha formação. Obrigada aos meus professores pelo apoio e carinho ao longo desta jornada e pelos ricos momentos de aprendizagem que proporcionaram.

A associação entre a pintora e a heroína, numa semelhança por gêneros, é evidente demais para ser desprezada, embora seja, do ponto de vista absolutamente formal, algo “além” da arte, algo “do mundo”, do social, e, por conseguinte, de fora, externo.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo conhecer a obra de Georgina de Albuquerque, analisando abordagens das suas obras e a sua relação com o impressionismo, bem como, apresentar a contribuição de Georgina de Albuquerque para o ensino da arte no Brasil, refletindo sobre as contribuições da sua obra para a valorização da Arte Brasileira. Visto que, a artista realizou importantes mudanças no cenário artístico de sua época, refletindo ainda sobre a sua trajetória como pintora, desenhista e professora brasileira. Georgina de Albuquerque tornou-se uma importante artista brasileira, conhecida como a representante feminina do Impressionismo e da pintura histórica, gênero até então associado ao homem, destacando-se entre as muitas artistas femininas de sua época. Para uma melhor compreensão do tema, foram feitas pesquisas, a partir das publicações de autoria de Madalena Zaccara e Ana Paula Cavalcanti Simioni, em que foram discutidas a relação entre artistas mulheres e a forma com que foram apagadas ou invisibilizadas da História da Arte, ao longo do século XIX e início do século XX. Apresentaremos uma análise sobre a pintura histórica produzida por Georgina de Albuquerque, as suas habilidades com diversas técnicas e sua luta no início do século XX para ocupar um espaço artístico acadêmico tipicamente masculino.

Palavras-chave: Georgina de Albuquerque; Artes Visuais; Mulheres artistas; Impressionismo.

ABSTRACT

The present work aims to understand the work of Georgina de Albuquerque, analyzing approaches to her works and their relationship with impressionism, as well as presenting Georgina de Albuquerque's contribution to the teaching of art in Brazil, reflecting on the contributions of his work for the appreciation of Brazilian art. Since, the artist made important changes in the artistic scene of her time, also reflecting on her trajectory as a Brazilian painter, designer and teacher. Georgina de Albuquerque became an important Brazilian artist, known as the female representative of Impressionism and historical painting, a genre hitherto associated with men, standing out among the many female artists of her time. For a better understanding of the topic, research was carried out, based on publications authored by Madalena Zaccara and Ana Paula Cavalcanti Simioni, in which the relationship between female artists and the way in which they were erased or made invisible from the History of Art were discussed, throughout of the 19th and early 20th centuries. We will present an analysis of the historical painting done by Georgina de Albuquerque, her skills with different techniques and her struggle at the beginning of the 20th century to occupy a typically male academic artistic space.

Keywords: Georgina de Albuquerque; Visual arts; Women artists; Impressionism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<i>Figura 1 – Autorretrato</i>	16
Figura 2 – Arvore de Natal	18
Figura 3 – Dia de Verão	20
Figura 4 – Canto do Rio.....	22
Figura 5 – <i>Feira da Glória.</i>	24
Figura 6 – <i>Sessão do Conselho de Estado.</i>	31
Figura 7 – Dama.	34
Figura 8 – Faceira	35
Figura 9 – Manhã de Sol.....	36
Figura 10 – Manacá.	37
Figura 11 – Raio de Sol.	38
Figura 12 – No Cafezal.	38
Figura 13 – Maternidade.	39
Figura 14 – Paisagem do Rio de Janeiro.	40
Figura 15 – Roceiras.....	41

LISTA DE SIGLAS

AAB	Associação dos Artistas Brasileiros
IA	Instituto de Artes
EBAP	Escola de Belas Artes de Pernambuco
ENBA	Escola Nacional de Belas Artes
FBPF	Federação Brasileira pelo Progresso Feminino
UDF	Universidade do Distrito Federal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA	14
3 VIDA E TRAJETÓRIA DE UMA MULHER ARTISTA	16
4 O IMPRESSIONISMO CHEGA AO BRASIL.....	28
5 OBRA “SESSÃO DO CONSELHO DE ESTADO”	30
6 O LEGADO DE GEORGINA: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER	33
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Priorizada para o trabalho de conclusão, a escolha do tema foi uma tarefa que exigiu muita atenção. Em última análise, a paixão pelo impressionismo prevaleceu entre as diversas opções relativas às artes visuais. Sentimentos nostálgicos pelo estilo de pintura, cores luminosas, retratos ao ar livre, cenas cotidianas e a sensibilidade da arte faz pensar em artistas femininas. Poucas mulheres brasileiras chamaram a atenção nas pesquisas, mas um nome se destacou: Georgina de Albuquerque.

Durante o século XIX, a sociedade não deu muito reconhecimento às mulheres, como ficou evidente em alguns artigos da época. Diante disso, a artista decidiu documentar sua percepção da época por meio da pintura.

A escolha por Georgina se deu pelo fato de a artista ter sutilmente desfeito barreiras que afastaram as mulheres da arte, um momento que era destinado exclusivamente aos homens. Visto que, Georgina de Albuquerque foi uma das primeiras mulheres a ganhar espaço na pintura histórica e foi precursora em diversos campos das artes.

Georgina Moura de Andrade Albuquerque, nasceu na cidade de Taubaté, interior de São Paulo, no dia 04 de fevereiro de 1885. Seus pais eram de famílias tradicionais da elite paulista. Na cidade natal, participou do Ciclo do Café, na metade do século XVIII, e no século seguinte, recebendo o título de cidade em 1842, sendo que por volta de 1900 foi a maior cidade produtora de café do Vale do Paraíba (Cabo, 2022). A origem do nome Taubaté está ligada à denominação de uma tribo de índios guaianás que habitava uma região nas suas proximidades.

Georgina, desde criança percebeu que nasceu para pintar e enquanto crescia inspirava-se apreciando o sol, as paisagens, a vida campestre e a terra florida.

Mesmo em casa, sem sair da minha Taubaté, menina bem pequena, eu já ensaiava os meus riscos. Gizava, debuxava desenhos intonsos, fazia figuras. Minha mãe, que era um espírito muito inteligente e muito lúcido, cedo compreendeu o meu pendor pela pintura e, na proporção que as circunstâncias permitiam, tudo facilitava para seu desenvolvimento e perfeição. (Costa, 1927, p. 90,91).

Diante do exposto, é possível afirmar que ainda criança, Georgina foi incentivada pela mãe para pintar. Na adolescência, aos 15 anos, teve suas primeiras noções de desenho e pintura com o pintor italiano Rosalbino Santoro (1858-1920),

que na época, final do século XIX, percorria o interior de São Paulo, como outros artistas. “Nesse período o pintor instala-se em Taubaté, explorando o estudo e pintura ao ar livre, tendo a paisagem local como plano de fundo” (Cabo, 2022). Na época, a pedido da mãe de Georgina, Santoro foi morar em sua casa e ensinou-lhe técnicas de pintura e misturas de tinta. Em viagem a São Paulo, teve a oportunidade de visitar uma exposição de Antônio Parreiras (1860-1937), evento esse, que a impulsiona a seguir os caminhos de artista. Sob os ensinamentos de Santoro, Georgina expõe na X Exposição Geral de Belas Artes, sendo sua primeira exposição.

Com apenas um ano de estudo, Georgina participa da XII Exposição Geral da Instituição. Na ENBA, Georgina conhece Lucílio de Albuquerque, que concluía um brilhante curso, com quem se casou em março de 1906. No mesmo ano, Lucílio recebe um prêmio artístico que o leva à França, levando consigo sua esposa. “Casamo-nos. Partimos pobremente, apenas com a bagagem de dois estudantes, para a Europa, onde vivi cinco anos. Em Paris, meus principais mestres foram Gervaix, na École des Beaux-Arts e Royer, no Curso Julian. Depois, trabalhei por conta própria” (Costa, 1927, p.91). À princípio, o casal pretendia passar apenas dois anos, mas acabaram ficando por cinco anos na capital francesa.

Na História da Arte, a trajetória de Georgina abre caminhos para entendermos o porquê de as mulheres terem ocupado novos espaços na sociedade, em que as mulheres passam a ser notadas e pintadas. Diante disso, é necessário refletir sobre a obra de Georgina, em que a mulher está muito presente em seus trabalhos, não como “as mulheres desmoralizadas”. A mulher representada por Georgina é a mãe zelosa que aproveita o parque com os seus filhos ou partilha momentos de lazer.

O impressionismo, tendência na qual as obras de Georgina de Albuquerque estão inseridas, tem sua chegada ao Brasil de forma tardia, mas isso não o faz menos importante. No Brasil, o impressionismo ganhou novas cores e sentidos, em razão disso, um dos enfoques será a investigação do movimento no Brasil e sua trajetória.

O que podemos dizer da Arte de Georgina, suas implicações socioculturais, é a contribuição que esperamos trazer para a reflexão nesta pesquisa.

Assim sendo, o presente trabalho irá analisar obras de Georgina de Albuquerque, ao mesmo tempo em que apresentará a trajetória da artista e as suas contribuições para o Ensino da Arte e para a Arte Brasileira.

O arcabouço do estudo está estruturado em quatro capítulos, descritos a seguir: No capítulo inicial apresentaremos a vida e a trajetória da artista, como os

aspectos biográficos de Georgina de Albuquerque contribuem para um entendimento mais amplo da artista enquanto mulher em seu tempo. Oferecemos algumas reflexões e possibilidades sobre a trajetória artística de Georgina, indo além da pintura histórica e de outros temas mais debatidos sobre a mesma, focando na sua associação ao Centenário da Independência como um momento na carreira de Georgina sendo um divisor de águas na trajetória da artista. No segundo capítulo versaremos sobre a chegada do Impressionismo no Brasil. No terceiro capítulo faremos algumas reflexões e possibilidades de estudo da trajetória artística de Georgina para além da pintura histórica e outros temas debatidos com maior frequência sobre a artista, com destaque para a sua relação com o Centenário da Independência. E por fim, no quarto capítulo, apresentaremos o legado de Georgina e exibiremos um breve apanhado acerca das formas de atuação da artista na Arte Brasileira e na educação.

2 METODOLOGIA

Como empreender uma metodologia de pesquisa sobre uma mulher artista, visto que, a literatura não trata com devida atenção e até invisibilizam as mulheres durante longo período da história da Arte?

Por que Georgina, uma mulher artista com um currículo invejável, esteve à margem da história da arte e do ensino da arte no Brasil? Assim sendo, essa árdua tarefa não mostrou tantos caminhos como desejaríamos para uma pesquisa breve e prazos previstos para finalização da investigação. Porém, o desejo de descobrir mais sobre Georgina, seguimos com as buscas e estas se deram com a pesquisa bibliográfica, a revisão de literatura existente sobre o tema.

Neste processo, a bibliografia auxiliou a identificar trabalhos anteriores relevantes para dar conta da lacuna da pesquisa sobre Georgina Albuquerque. As etapas consistiram em leitura em livros de história da arte, especificamente, nas leituras dos artigos, como exemplo as publicações da Profa. Dra. Madalena Zaccara, que versam sobre mulheres artistas. A pesquisa seguiu em sites acadêmicos e as publicações que tratam de História da Arte no Brasil. Foram estas as principais etapas que conduziram a pesquisa bibliográfica.

Para a realização deste trabalho, foi necessário o desenvolvimento de pesquisa documental e bibliográfica, com o intuito de conhecer a história e trajetória de Georgina de Albuquerque e descrever sobre as suas contribuições e valorização da arte brasileira. Sobre esse tipo de estudo, Gil afirma que:

A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema (Gil, 2002, p.17).

Além disso, a abordagem deste estudo é de cunho qualitativo, uma vez que, através dos fatos estudados será possível criar novas interpretações sobre o tema. A pesquisa qualitativa tem por objetivo buscar a qualidade na definição do tema, objeto ou conceito. Esse tipo de pesquisa, através de procedimentos básicos, guia o pesquisador a um estudo descritivo de diversos aspectos do objeto de estudo, dando-lhe mais autonomia para possíveis interpretações.

Quanto à natureza, é de caráter descritivo, pois, conforme Gil (2002) deixa exposto: “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2002, p. 42). Diante disso, essa pesquisa versa acerca da trajetória de Georgina de Albuquerque, sua arte e atuação docente.

Além das pesquisas bibliográficas serão feitas análises objetivas de obras de arte de Georgina, do período que vai de 1906 a 1930, visto que, a leitura possibilitará a interpretação e compreensão do tema pesquisado.

3 VIDA E TRAJETÓRIA DE UMA MULHER ARTISTA

Georgina de Moura Andrade, nasceu na cidade de Taubaté, São Paulo, no dia 04 de fevereiro de 1885, adotando o sobrenome Albuquerque ao se casar com o pintor Lucílio de Albuquerque (1877-1939), que conheceu no primeiro ano de estudo na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), com quem se casou e mudou-se para a Europa em 1906.

Figura 1. Autorretrato, 1904, Georgina de Albuquerque



Fonte: Google Arts & Culture

A ida com o marido para a Europa foi extremamente importante para solidificar a sua carreira artística. Georgina completou a sua formação artística na Europa e tornou-se a primeira mulher a passar no rigoroso exame da École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris, ficando em quarto lugar na seleção em que se inscreveu. Georgina também foi aluna do Mestre Henry Royer, na Academia Julian. A Academia Julian recebeu diversas artistas mulheres, no mesmo período, tendo um importante papel na formação artística destas mulheres. Foi nesse período que Georgina teve aulas de pintura com modelos vivos,¹ destacando que fazer o estudo da pintura do nu artístico não era autorizada nas instituições conservadoras da época.

¹ O termo "modelo vivo" refere-se a uma pessoa que posa como modelo para um artista criar uma obra de arte. Geralmente, o modelo vivo posa em sessões de desenho ou pintura, permitindo que o artista estude a forma, a anatomia, o movimento e outros detalhes do corpo humano em tempo real.

Porém, não há registro, mas relatos de que Georgina frequentou a academia, provavelmente porque não foram preservadas. Durante os cinco anos em que morou na França, Georgina e Lucílio aperfeiçoaram diversas técnicas,

É uma feição moderna, alguma coisa de novo na pintura. Foge inteiramente aos moldes preestabelecidos. É tudo quanto há de mais movimentado, mais ensolarado, menos calculado e medido. Eu pinto a natureza, pelas sugestões que ela me causa, pelos arroubamentos que me provoca, e como tal não posso ficar, hierática e solene, ante os imperativos que ela em mim produz. Depois amo a figura humana. Vou pela praia, encantada pela paisagem; deparo-me com uma criança, enterneco e me desinteresso pelo ambiente em redor. A minha sensibilidade é presa da graça, do movimento, da vibração infantil. O impressionismo, como eu pinto, é novo aqui e não deixou de encontrar resistências, logo que comecei a fazê-lo. (Louzada, 1992, p. 31)

É possível afirmar, que Georgina de Albuquerque se sensibilizou com as paisagens e as figuras humanas, visto que, na maioria de suas obras inclui uma personagem em comum, a mulher. A presença feminina nas suas obras não se encontra perdida nos espaços modernos, ela é a mãe zelosa aproveitando espaços naturais e compartilhando momentos de lazer ou trabalhando em cafezais. Georgina utiliza as técnicas impressionistas para dar luz e movimento, por não dar visibilidade à mulher republicana brasileira.

Depois de se destacar na rigorosa avaliação da Academia Francesa de Arte e de se tornar a primeira brasileira a se destacar nesta instituição, Georgina seguiu seu próprio caminho, pintando prolificamente e frequentando museus, dividindo seu tempo entre pintar e cuidar dos filhos.

Georgina retornou ao Brasil em 1911, acompanhada pelo marido e pelos filhos deles, e se instalaram em Icaraí, bairro do Rio de Janeiro. Ao chegarem ao Brasil, o casal promove uma exposição com as suas obras, no Salão Nacional de Belas Artes².

O modelo pode posar nu ou vestido, dependendo do estilo e da intenção artística do artista. Disponível em: <http://modelovivo.com.br/>. Acesso em: 12/12.2023.

² O Salão Nacional de Arte Moderna (SNAM) é instituído em 1951, fruto de uma divisão no Salão Nacional de Belas Artes (SNBA), que passa a abrigar uma ala específica para a arte moderna e outra para a arte de feição mais acadêmica. A divisão entre "modernos" e "não-modernos" remete aos últimos anos da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA). Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3770/salao-nacional-de-arte-moderna-nam>. Acesso em 12/12/2013.

Enquanto o seu marido passou a lecionar na ENBA, Georgina dava aulas particulares pelo Rio de Janeiro. Influenciada pela estética impressionista, ela produz diversas obras e participa regularmente de exposições. Dos diversos temas abordados pela pintora, a presença da imagem feminina é constante. Em suas obras são apresentados locais frequentados por Georgina, em grande parte ambientes domésticos e os papéis comuns das mulheres na sociedade da época. A artista obteve algumas conquistas em seu trabalho. Recebeu pequena medalha de prata em 1912, na Exposição Geral na Escola Nacional de Belas Artes e em 1916, na mesma Exposição recebeu grande medalha de prata.

Figura 2. *Árvore de Natal, 1916. Georgina de Albuquerque*



<https://www.elfikurten.com.br/2013/06/georgina-de-albuquerque-o.html>

Em 1919, Georgina participa da Exposição Geral de Belas Artes, na qual é premiada com medalha de ouro, o que a fez ser convidada para ser júri de pintura em 1920, tornando-se a primeira mulher brasileira a ocupar tal posição. Iniciou na década seguinte uma série de exposições internacionais:

A década de 20 é especialmente importante para alavancar Georgina aos altos cargos e méritos conquistados posteriormente. A artista iniciou um intenso intercâmbio cultural que começa na Argentina em 1921 e, após uma volta ao Brasil para participar do Centenário da Independência [...], seguiu para os Estados Unidos para participar do salão da National Association of Women Artists na Sculptors em Nova York nos anos de 1924, 1925 e 1926. Voltou à Argentina para outros eventos em 1927 e 1929. Há ainda registros de participações da pintora na First Pan-American Exhibition of Oil Painting, e na Art Department State Fair of Texas, ambas em Los Angeles, nos Estados Unidos. (Ribeiro, 2022 P.81)

Desse modo, compreende-se que foi na segunda década do século XX, que Georgina de Albuquerque se firmou como um dos principais nomes do impressionismo brasileiro. Também nessa época, a artista se popularizou como imagem de mulher moderna republicana e com um “casamento feliz”. Segundo Simioni (2002 p.153). “Georgina soube como poucas artistas, manipular a seu favor os mitos em torno de um casamento feliz, em uma época de valorização da mulher culta como boa mãe republicana”. Ao dialogar com Simioni (2002), torna-se claro que, em muitos momentos, Georgina só foi aceita como artista por conta do casamento com um artista em destaque, pois Lucilio era bem sucedido e tinha Georgina como uma figura de boa mãe republicana, sendo que, como artista ostentava muito a mulher no âmbito social. Segundo Ribeiro:

Discursos e práticas são construídos relegando aos homens o poder público – razão, inteligência, fundação da cultura – e às mulheres o poder privado, sob uma ótica de sensibilidade e fraqueza nelas presentes. [...]. Uma nova identidade feminina é construída numa tentativa de que o poder delas fosse refletido apenas no âmbito privado, e surgiram, então, novas representações favoráveis a esse discurso, juntamente às representações resistentes a ele. (Ribeiro, 2022, p.71).

Dessa forma, subentende-se que da mesma maneira que a “manipulação” da imagem ajudou na sua aceitação profissional, a manipulação das técnicas impressionistas rendeu-lhe uma carreira acadêmica duradoura. Ela utilizou as suas características formais por muitas décadas, tornando-se um nome forte na estética impressionista. “Georgina é, junto a outros poucos desses artistas, reconhecida por várias publicações de sua época como uma artista verdadeiramente impressionista, abrindo portas para que outras mulheres almejassem feitos semelhantes” (Ribeiro, 2022 p.73). Assim, é possível afirmar que Georgina foi exemplo para que outras mulheres seguissem os caminhos do Impressionismo no Brasil.

Ademais, é importante destacar que as pinturas impressionistas geralmente eram feitas ao ar livre, para que o artista pudesse capturar variações das cores da natureza expostas à luz natural. Com isso, a luz e o movimento das pinceladas soltas tornam-se o principal elemento das pinturas impressionistas.

Logo, na área das Artes Visuais, Georgina revelou conquistas de emancipação feminina, abordando em suas obras, a mulher nos campos intelectual e de trabalho.

Para Georgina, a oportunidade para que se estabelecesse como artista foi o impressionismo, um movimento artístico eurocêntrico. A persistência e determinação

da artista fizeram com que ganhasse um prêmio em 1919 e no ano seguinte fosse convidada para integrar o Júri das Exposições, e logo em seguida fazer parte do corpo docente da ENBA, como contratada.

Figura 3. Dia de Verão, 1920. Georgina de Albuquerque



<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3294/dia-de-verao>

Em 1922, Georgina participou de um concurso comemorativo do centenário da Independência e foi a primeira brasileira a pintar uma tela com temática histórica. Até então, o tema era exclusivo dos homens. A pintura "Sessão do Conselho de Estado que decidiu a independência" é uma das primeiras pinturas históricas criadas no Brasil com técnicas impressionistas. Na tela, Georgina utiliza cores vibrantes e alegres que são características marcantes das pinturas de Georgina. Nesta obra destaca não só as figuras masculinas do Conselho de Estado, mas também, principalmente a figura feminina da Princesa Leopoldina (1797-1826), esposa de D. Pedro.

Na pintura, vê-se, que enquanto o príncipe e sua comitiva estavam às margens do Rio Ipiranga, a Princesa Leopoldina foi impelida e convencida, em reunião com o Conselho, que o Brasil deveria se tornar independente. Vale destacar que conhecedora dos fatos históricos brasileiros, Georgina não só se destacou em suas pinturas, mas também destacou as mulheres em suas obras, como já citado anteriormente. Em suas pinturas, não mostra eventos históricos como cenas de batalha, mas sim eventos diplomáticos dentro de escritórios oficiais. Segundo Simioni:

Essa heroína é serena (contrariando a noção da mulher como um ser sem controle sobre suas paixões); não se coloca acima dos homens (mas eles lhe rendem homenagem, ainda que estejam mais altos); não faz a guerra, mas a articula, não dá “o grito”, mas o engendra sua força é intelectual. [...]. Sua tela é também uma projeção dos ideais em torno da desejada mulher republicana: feminina, culta, forte, mas jamais “competitiva”. (Simioni, 2002, p.153).

Logo, vale a pena lembrar que a princesa Leopoldina é uma de suas melhores expressões, mesmo que associada a um passado imperial. “Georgina representava esse modelo desejado de uma mulher que soubera harmonizar os interesses de realização profissional com as exigências e as satisfações de uma vida familiar feliz” (Simioni, 2002. p. 153). Desse modo, subentende-se que Georgina conseguiu conciliar a vida pessoal com a vida profissional, o qual obteve a criação de uma obra até então desconhecida no Brasil, uma abordagem completamente nova aos padrões estabelecidos pela Academia, na qual destacou os homens, mas principalmente a Princesa Leopoldina (1797-1826), com sua aparência calma e suas vestes rosadas “decidindo” pela Independência do Brasil.

Georgina ganhou muitos outros prêmios no Brasil e participou de exposições internacionais, incluindo a Exposição Pan-Americana de 1925, em São Francisco, e a Exposição de Mulheres Pintoras e Escultoras, em Nova York.

Em 1927, Georgina participou do concurso para chefe do departamento de pintura da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro e conquistou o segundo lugar. Apesar de não ter obtido o título que tanto almejava neste concurso, Georgina teve a oportunidade de lecionar na ENBA, a partir de 1928, como professora livre docente, assumindo a vaga deixada pelo pintor João Batista da Costa, onde permaneceu por 20 anos. Paralelamente a isso dava aulas particulares em seu ateliê em Niterói, no Rio de Janeiro.

Ainda em 1927, Georgina de Albuquerque realizou uma exposição individual no Palace Hotel, onde expuseram os mais famosos pintores e artistas modernistas da ENBA. Em 1929, Georgina apoiou a criação da Associação Brasileira de Artistas (AAB), concebida a partir do “descontentamento de uma parcela da classe artística com o ambiente artístico no Brasil” (Cabo, 2022, p. 11). Evento este, que Georgina foi solidária desde seu início.

Figura 4. Canto do Rio, 1926. Georgina de Albuquerque



<https://www.wikiart.org/pt/georgina-de-albuquerque/canto-do-rio-1926>

Em 1934, Georgina visitou a Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP). A escola foi fundada em 29 de março de 1932, mas só foi inaugurada oficialmente em 20 de agosto de 1932. Durante sua visita à EBAP, Georgina registrou uma mensagem de seu contentamento com a iniciativa de fundação de uma escola de artes em Pernambuco: “O livro impressões traz um importante registro da passagem da Artista Georgina Albuquerque pelo advento da inauguração da EBAP. A artista paulista expressa sua admiração por Murillo La Greca e o parabeniza pela inauguração da EBAP.” (Torres, 2015, p.32)

Murilo LaGreca, espírito de artista num corpo de bondade, deu-nos o alto gozo espiritual de conhecer a Escola de Belas Artes, obra sua, sua filha e sua amada. Do que tem sido a série quase sobre humana de esforços precisos de superar, di-lo eloquentemente a realização de todo o dia, nesta casa. Acrescenta-se o auxílio dos mais professores, e ter-se-à a prova de que a Escola é o resultado de um grande esforço digno de aplausos, pela forma com que é realizada e pela incondicionalidade em que se finaliza. Palmas a quantos cooperam nessa obra a todos os títulos dispor de incentivo para gloria do Estado e do País. Recife, 19-02-1934. Livro Impressões s/d.

Após 1935, Georgina lecionou Artes decorativas no Instituto de Artes (IA) na recém inaugurada Universidade do Distrito Federal (UDF). A proposta de Anísio Teixeira (1900-1971) prezava por uma educação gratuita e de qualidade na nova Instituição. Segundo Ribeiro (2022, p.120) “a circulação de pesquisas e atividades relacionadas à produção de sua comunidade, o preparo do estudante para lecionar no ensino secundário e promover a igualdade entre atividades acadêmicas e profissionais” era apoiada por Georgina, pois a mesma defendeu a forma de ensino

próxima à proposta de Anísio Teixeira. Em seguida, no ano de 1936, Georgina atuou como secretária na Secretaria de Cultura no Instituto Argentino-brasileiro Julia Lopes de Almeida.

No ano de 1937, Georgina foi premiada no Salão de Belas Artes de Buenos Aires, recebendo o Primeiro grande prêmio. E, em 1939, quando a UDF foi fechada, Georgina parou de lecionar. No mesmo ano o seu esposo Lucílio de Albuquerque, companheiro por 33 anos, faleceu. Três anos depois Georgina voltou a lecionar na ENBA, após escrever a tese: *O desenho como base para as Artes Plásticas*, o qual dedicou ao seu falecido marido. Mesmo por mérito próprio, “a posse do cargo foi noticiada na imprensa como uma designação por homenagem a seu falecido companheiro Lucílio, que havia exercido tal função anteriormente” (Ribeiro, 2022 p.131). Subentende-se que, embora tenha se dedicado à tese, o fato de Georgina ter assumido a cadeira a deixa com uma imagem de dualidade, em que a mídia a enquadra como professora conservadora e por outro lado a mulher que almeja a democratização do ensino de artes.

Foi a primeira mulher a dirigir a Escola Nacional de Belas Artes, fez concurso bem sucedido para Catedrática em 1942. Este cargo era muito importante na época, dava muito mais poder que tem os professores titulares de hoje; era sufragista, isto é, defendia o direito de voto para as mulheres de todas as classes sociais. Georgina Albuquerque tinha muito prestígio no seu tempo e somava ao seu próprio prestígio o prestígio do marido Lucílio de Albuquerque (1887-1939) a quem dedica a tese escrita depois da morte dele. (Barbosa, 2020, p.147)

Em 1940, Georgina fundou em sua residência o Museu Lucílio de Albuquerque, com um grande acervo de obras do marido, onde instituiu cursos de pintura e desenho especialmente para crianças, uma inovação, sendo que o Museu Lucílio de Albuquerque foi uma das primeiras instituições no Brasil a atender o público infantil no estudo das artes. Em seguida, a artista trava uma batalha para que o museu continue as atividades, mesmo com muita luta, a obra de Lucílio acaba dispersa e se divide entre os museus do Rio de Janeiro.

Em 1948 Georgina realizou concurso para a vaga de professor catedrático, desta vez para a segunda cadeira de Desenho Artístico, o qual obteve o primeiro lugar e a nomeação.

A posição de professor catedrático era entendida como o cargo de maior prestígio e mais alto a ser alcançado na ENBA. Além disso, conferia uma estabilidade definitiva, visto que o professor catedrático permanecia na posição até a aposentadoria compulsória. (Silva, 2021, p.100).

Em 1952, Georgina tornou-se a primeira mulher a ocupar o cargo de Diretora da ENBA, sendo a primeira mulher a ocupar tal posição, exercendo a função por três anos. No último ano como diretora, ela deixou de lecionar e a partir daí se tornou diretora da Comissão Brasileira de Artistas Plásticos.

Figura 5. Feira da Glória, 1950. Georgina de Albuquerque



Fonte: Templo Cultural Delfos

Em 1954, no 1º Congresso Internacional de Artes Plásticas em Veneza - Itália, foi eleita pelos artistas internacionais para um dos 10 membros da Comissão Executiva e em 1956, no 2º Congresso Internacional, na Iugoslávia, foi reeleita para novo mandato de mais três anos. (Souza, 2011, p.91). É notória a vida longa de Georgina de Albuquerque durante a sua trajetória.

Durante todos os anos de vida acadêmica, Georgina não deixou de realizar as suas produções artísticas, realizando suas exposições anuais, além de participar como júri nas comissões de avaliação dos editais de exposições.

Georgina pintou vários estilos, incluindo retratos, naturezas mortas, nus artísticos, cenas cotidianas e paisagens urbanas. Suas obras estão expostas nos principais museus brasileiros, como no Museu Histórico Nacional e em especial o Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Georgina pintou seu último quadro “Tipos populares da feira da Bahia” em outubro de 1961, dias antes de ficar doente. A obra obteve o 1º Prêmio na Exposição da Associação dos Artistas Brasileiros, prêmio este conferido pela Embaixada da República de El Salvador 1962. (Souza, 2011, p. 91).

Georgina Moura de Andrade Albuquerque faleceu em 29 de agosto de 1962 no Hospital dos Servidores do Estado. Foi uma pintora famosa, talvez a única das pintoras da ENBA a ser lembrada na história da arte brasileira. Foi uma artista que produziu prolificamente “em vida”: entre 1997 e 2004 realizou 54 exposições em vida e 19 postumamente -, segundo dados informados pela Enciclopédia Itaú Cultural.

Acredita-se que a trajetória moldada por suas escolhas de vida, seu equilíbrio estratégico e sua institucionalização na ENBA são os fatores mais relevantes para esclarecer os motivos que a levaram a ser consagrada em seu tempo e lembrada na história da arte brasileira.

A trajetória de Georgina de Albuquerque como mulher e profissional das artes visuais de seu tempo levou a reflexão sobre a importância de ações e movimentos que geralmente incentivam as mulheres não só nas artes, mas em toda a criação e atuação em outros campos. Há questões que ainda hoje podem ser vistas como a perpetuação histórica destas imposições, e estas questões são o foco das lutas feministas hoje.

Porque nos livros de História da Arte não se ouve falar em muitas mulheres artistas? Elas não existiram ou foram impedidas de aparecerem, apenas pelo fato de serem mulheres? A verdade é que até o final do século XIX a mulher era tratada apenas como esposa submissa, onde o masculino era quem ditava as regras, onde o espaço era dominado por homens.

As mulheres que ousavam entrar no mundo artístico tinham que se contentarem com a representação de pinturas de interiores, naturezas mortas – gêneros de menor valor no mercado artístico e que não as fariam configurar no rol dos grandes artistas. Às mulheres era vedado o acesso à prática de desenho do natural com modelo nu, que foi a base do ensino acadêmico e da representação na Europa do século XVI ao XIX. (Laponte, 2002 apud Zaccara, 2011)

Ainda nesse viés, é possível afirmar que sempre existiram excelentes mulheres nas artes, tal como em qualquer outra área, mas dentro das tradições de uma sociedade patriarcal, elas sofreram para que pudessem apenas se dedicarem às tarefas que eram exclusivas das mulheres: cuidar da casa e da família.

No Brasil a situação não foge à regra: “A mulher só participou com restrições, dos ensinamentos da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) a partir de 1879, em Pernambuco só em 1932” (Zaccara, 2011). Essa realidade fez com que as mulheres ficassem ainda mais indefesas, principalmente no mercado de trabalho. “Já a Escola Nacional de Belas Artes, apenas em 1892 registrou a entrada de mulheres entre seus membros” (Simioni, 2005, p.351). O ingresso tardiamente nas escolas de arte fez com que a educação voltada para as mulheres fosse dirigida principalmente aos cuidados com o lar.

Apesar do fato de haver um grande número de artistas mulheres no Brasil, o “homem” ainda é o valor canônico universal. As mulheres só conseguem valorização justa se aceitam o masculino como norma. A igualdade no Brasil não leva em conta a diferença. O discurso de igualdade e o discurso da diferença, entretanto, precisam ser articulados em conjunto para possibilitar à mulher ser o sujeito de seu próprio discurso. (Barbosa, 2020, p.147)

Na perspectiva de Barbosa (2020), o próprio processo de educação feminina no Brasil no final do século XIX e início do século XX, precedeu as dificuldades que as mulheres sempre enfrentaram para obter a formação artística em que a mulher era um ser desprovido de capacidade intelectual, a educação se processava de forma diferenciada para homens e mulheres. Os meninos iam para colégios conceituados, enquanto que as mulheres tinham que ir para colégios voltados para prendas domésticas.

As artistas acadêmicas permaneceram por muito tempo nas sombras e suas obras sofreram uma dupla desvalorização. Como muitas produções do período, inclusive as masculinas, padeceram das consequências do legado modernista, que com seu crivo impiedoso desmereceu tudo o que lhe era anterior, salvo o Barroco, cujas obras foram por eles alçadas como genuinamente nacionais. Além disso, por serem vistas em sua época como artistas “menores”, deixaram menos rastros do que os colegas masculinos bem-sucedidos; a pecha do amadorismo, essa invenção do século XIX, inibiu por muito tempo estudos sobre suas produções (Simioni, 2008 p.303).

Na concepção de Simioni, em sua pesquisa de doutorado, mostra que as artistas femininas do século XIX não eram vistas como profissionais, mas como amadoras, como se sua devoção fosse apenas resumida em um simples gosto casual. As carreiras esperadas para as mulheres sempre se limitaram aos cuidados domésticos.

Por conseguinte, a conquista da igualdade de gênero nas artes visuais começou no Brasil após a Semana de Arte Moderna de 1922. Os modernistas

partilharam ideias anticoloniais que permitiram às pessoas refletirem sobre a igualdade de gênero. “Antes do advento do modernismo, algumas artistas haviam tido importância temporária, sendo, porém, invisibilizadas e excluídas da história da arte. Aliás, continuam sendo excluídas” (Barbosa, 2020, p.159). É notório, que mesmo após tantas conquistas, muitas mulheres artistas ainda são desconhecidas. No caso de Georgina, embora tenha sido destaque no cenário artístico de seu tempo, sua trajetória e suas produções artísticas ainda são pouco conhecidas e estudadas,

[...] uma exceção é o quadro Sessão do Conselho de Estado realizada em 1922 como encomenda para o Centenário da Independência do Brasil, abordada na pesquisa de doutorado de Ana Paula Cavalcanti Simioni, ou ainda algumas produções que alcançaram certo destaque como os nus que foram mencionados em trabalhos acadêmicos, devido ao tratamento dado a luz pela artista. No entanto, outras obras foram esquecidas e raramente mencionadas na história da arte brasileira, apesar de ela ser uma artista prolífica e longeva. (Nogueira, 2016, p.18).

Diante do exposto, é possível afirmar que a participação política que vemos no quadro Sessão do Conselho de Estado, é um dos principais focos, através da qual se pode realizar o diálogo através de representantes mais próximos da realidade das mulheres para que as suas vozes sejam ouvidas.

4 O IMPRESSIONISMO CHEGA AO BRASIL

Como forma de fugir dos preceitos da arte vigente, na França um grupo de pintores no século XIX desenvolve uma nova concepção no que diz respeito à arte. Artistas como Claude Monet, Édouard Manet e Pierre August Renoir, (...) não mais se preocupavam com o estudo ou reprodução de grandes temas clássicos, mas com o estudo do próprio processo pictórico e todas as suas nuances” (Cabo, 2022, p.14).

Estes artistas permitiam-se agora valorizar e explorar os amplos movimentos de pinceladas e formas impulsionados pela luminosidade, componente fundamental do Impressionismo, já que o ateliê principal passou a ser a própria paisagem. É notório, que além de não buscar a estética acadêmica da representação, o Impressionismo também preservou a beleza da “deformidade” através da combinação de luz e formas naturais.

O Impressionismo foi um movimento artístico que transformou profundamente a pintura e deu início à grande tendência da arte do século XX. Dessa forma, os pintores impressionistas buscavam registrar as constantes mudanças causadas pela luz solar em telas em cores naturais. Para isso, o artista pinta ao ar livre, captando o efeito da luz solar nos objetos em diferentes momentos do dia. O Impressionismo chega como uma necessidade de um rompimento e renovação da arte.

Portanto, para uma arte que tinha a luz como um dos mais fortes pilares, a luminosidade dos trópicos e as cores trariam para o movimento uma impressão diferente. Além da paisagem tropical, também a facilidade em encontrar bons materiais possibilitou que uma nova pintura pudesse se instaurar.

Tendo sua chegada no Brasil, no fim do século XIX, com uma estética impressionista, de certa forma, tímida entre os artistas, o Impressionismo apreciado pelos artistas da época, era uma versão mais aprazível e de acordo com a aceitação burguesa. Tais fatos não subtraem o valor da produção impressionista brasileira, mas, é de suma importância compreender de que forma ocorreu a absorção do estilo e, desta maneira, entender a sua versão tropical.

Após o retorno de Georgina ao Brasil, foram marcantes os traços distintivos da estética impressionista aplicada às figuras. A presença frequente de figuras femininas nos temas abordados por Georgina é um fator notável para abordar a frequência de sua aparição, o que está longe de ser considerado polêmico, pois na maioria dos

casos exploram o ambiente familiar e os personagens para as mulheres na sociedade do seu tempo.

No entanto, Georgina também circula por outros ambientes além daqueles de costume, principalmente, o gênero feminino em diferentes camadas e esferas. Sua infância no interior de São Paulo, principal produtor de café em solo brasileiro durante o século XIX, permitiu à Georgina a experiência nas paisagens cafeeiras.

Georgina estudou com grandes mestres, acabou por ser influenciada por seus professores e aplicando verdadeiramente os ensinamentos que recebeu. “Sua presença é marcada, também, pelo status no mundo da arte, algo que poucas mulheres antes do modernismo puderam alcançar. Seu nome sempre esteve entre os nomes de artistas homens dentre os considerados impressionistas em seu tempo.” (Cabo, 2022, p.22). Portanto, Georgina utilizou os moldes da arte plástica impressionista e empregou esse recurso em muitas de suas pinturas.

Georgina soube criar a sua própria forma de pintar, caracterizada não só pelas pinceladas hábeis, mas também pela escolha do tema, tendo o Impressionismo e seus derivados como argumentos. Em sua obra, chama a atenção o uso sensível de uma paleta de cores vivas. Os temas mais constantes são nus, retratos e paisagens. Em *Manhã de Sol*, ca.1920, explorou eventos luminosos e vibrações de cores com traços largos. A partir de 1920, passa a utilizar uma paleta mais sóbria e a criar pinturas com temas da vida popular, como *Duas Roceiras*, ca.1930.

5 OBRA “SESSÃO DO CONSELHO DE ESTADO”

Esta produção artística de Georgina é feita em óleo sobre tela, com 210 cm por 265 cm, e é considerada pioneira por ser a primeira a dar destaque à uma mulher em um momento histórico, apresentando um evento diplomático acontecido em um gabinete, como que intencionalmente deixada em segundo plano o episódio da Independência do Brasil.

Para realizar a obra, Georgina precisou recorrer a documentos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, buscando representar o mais próximo possível a aparência da princesa Leopoldina. Na obra Georgina faz uma abordagem diferente em relação às obras que representam a Independência do Brasil, período marcado por temas heroicos como Independência ou Morte (1888), de Pedro Américo de Figueiredo, obra considerada a representação oficial do evento. A obra de Georgina tirou o foco da figura heroica masculina e das cenas de batalha.

Em vez de abordar um evento histórico triunfal, como uma cena de batalha, tal como uma cena de batalha, tal como o repertório acerca da pintura histórica nacional poderia lhe sugerir, apresentou um episódio diplomático dentro de um gabinete oficial. Ainda mais destoante é a figura heroica aí representada: uma mulher! Após uma leitura breve da legenda explicativa, sabe-se, afinal, quem é a personagem central representada, a Princesa Leopoldina, em meio a reunião de Conselho de Estado presidida por José Bonifácio, na qual se discutiu a necessidade de o Brasil tornar-se independente de Portugal, momento esse que teria antecedido o brado do Ipiranga. (Simioni, 2002, p.143).

Sessão do Conselho de Estado (Fig.6), chega com uma imagem inovadora, em que a autora é uma mulher e a pintura de Gênero histórico, que até então era exclusivo dos artistas homens, agora tinha sido pintada por uma mulher. É considerada a principal obra de Georgina.

Além da representação da Princesa Leopoldina na obra, estão José Bonifácio de Andrada e Silva (que se encontra de pé interagindo com a princesa) Martim Francisco de Andrada e Silva (sentado ao lado da mesa), José Clemente Pereira (atrás de Martim Francisco), Joaquim Gonçalves Ledo (que está com as mãos na mesa), Caitano Pinto de Miranda Montenegro, Manoel Antônio Farinha e Luiz Pereira da Nóbrega, Lucas José Obes (o conselheiro Obes), ambos se encontram atrás de José Bonifácio.

Os gestos e expressões dos membros ao vivo parecem estar em sincronia com os do observador, criando a sensação de uma discussão em tempo real. Sabendo-se que este conselho trata das questões burocráticas que levaram à Independência, é perceptível o olhar e fisionomia severos dos participantes do momento. A ilusão de movimento permanece neste trabalho que tem o gabinete, móveis e decoração devidamente trabalhados pela artista.

A vista da janela desperta a atenção quando se observa que as formas da natureza que se encontram através da sacada são confusas. Os traços verdes, brancos, azuis e amarelos em diferentes direções parecem ser folhas e o fundo natural torna-se quase plano e com pouca profundidade.

Figura 6. Sessão do Conselho de Estado, 1922. Georgina de Albuquerque



Fonte: Google Arts & Culture

A reunião aconteceu durante uma viagem de D. Pedro, à São Paulo. Na ocasião, a Princesa Leopoldina havia sido nomeada a Chefe do Conselho de Estado e Princesa Regente Interina, em que lhe dava poderes legais para que na ausência de Dom Pedro, pudesse governar o país. Com as intensas ameaças de Portugal, Leopoldina acionou o Conselho de Estado e em 2 de setembro redigiu uma carta a Dom Pedro, em que relatava os comentários negativos com relação à atuação do marido. Na carta Leopoldina sugere que o marido proclame a Independência do Brasil, história a qual todos nós lembramos termos estudado na disciplina de História no Ensino Fundamental.

Vale lembrar que a obra *Sessão do Conselho de Estado*, chegou em um momento em que as mulheres ambicionavam ser artistas no Brasil, um período em que enfrentavam dificuldades determinadas por um sistema acadêmico que as excluía e as impedia de frequentar aulas de desenho e estudo do nu.

O ano de 1922, ano inusitado para Georgina de Albuquerque, é um ano especial para a História da Arte brasileira. Neste ano acontece a polêmica Semana de Arte Moderna em São Paulo, que buscava a reafirmação de uma “verdadeira” arte brasileira.” (Laponti, 2008, p.23). O objetivo deste evento era quebrar os moldes estabelecidos do passado, trazendo uma arte totalmente nova.

Ainda em 1922, foi realizado o primeiro Congresso Feminista e fundada a Federação Progressista das Mulheres Brasileiras (FBPF), que lutava pelos direitos civis e políticos das mulheres. Este foi o período em que começou a luta pelo sufrágio feminino e pela igualdade de gênero. Independentemente das intenções de Georgina, o seu trabalho apoiou as lutas das mulheres da época. Georgina acaba por desafiar o domínio masculino do ambiente artístico acadêmico quando interpreta a Princesa Leopoldina, que determina os rumos do seu país.

6 O LEGADO DE GEORGINA: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER

As pinturas de Georgina apresentam técnicas impressionistas aprendidas durante os seus estudos na Europa. São notórios a presença e o destaque das figuras femininas em suas obras.

Por sua vez, a questão da educação desempenhou um papel decisivo, uma vez que o direito das mulheres à educação é suficientemente limitado para que possam cumprir o seu papel na sociedade.

À medida que as mulheres transitam de modelos para criadoras de imagens, as suas percepções das mulheres são trazidas para a iconografia a partir de uma perspectiva de dentro para fora. Esta mulher é uma personagem comum na maioria das obras visuais de Georgina de Albuquerque. A mulher não é apenas uma simples personagem, ela é sempre protagonista nas obras da artista, em que são retratadas em seu local de trabalho, nas plantações de café de São Paulo ou no mercado da cidade, em retratos e nas cenas de gênero de amigos compartilhando momentos de lazer, tomando chá ou passeando em um parque carioca.

Entre as criações artísticas frequentemente produzidas pela artista na década de 1920 estavam os nus femininos, ambos retratando mulheres voluptuosas ao ar livre. Um motivo recorrente na obra da artista é a utilização de um determinado modelo representado em vários jardins rodeados de flores e plantas. Uma característica comum entre as pinturas de nus é a colocação dos modelos sobre tecidos de cores claras que lembram a época do Renascimento, prática popular entre os artistas da época. Georgina nunca produziu quaisquer representações de nus masculinos. “Não são conhecidos nus masculinos feitos pela artista, o que por sua vez pode estar associado ao tipo de formação recebida por ela na primeira década do século XX” (Silva, 2018 p.1125). Possivelmente, isso ocorreu devido às restrições da sua formação no início do século XX. Nessa época, as mulheres tinham acesso restrito aos modelos masculinos e eram obrigadas a incorporar o tapa-sexo em seus trabalhos. A temática da maternidade foi amplamente representada nas suas pinturas, desenhos e aquarelas, sendo um tema particularmente sensível a ela.

Especialmente na década de 1920, Georgina de Albuquerque produziu algumas das pinturas de maior sucesso da sua carreira como artista e estabeleceu o seu lugar na historiografia da arte como uma “pintora de ar livre”.

Na verdade, Georgina pintou extensivamente ao ar livre e considerou o seu jardim o seu segundo Ateliê. A artista também praticou essa técnica em seus nus Manacá (1922) e Raio de Sol (1926), que representam temas muito semelhantes e ilustram figuras femininas em cenas ao ar livre, aparecendo em torno de jardins e flores.

Georgina utiliza suas técnicas impressionistas para dar luz e movimento as suas pinturas. “A mulher de Georgina de Albuquerque é a mãe zelosa aproveitando o parque com seu filho, as moças que compartilham um momento de lazer e amizade ou as trabalhadoras do cafezal ensolarado” (Alves, 2015 p. 86). Nas obras de Georgina a mulher republicana brasileira é representada no seu lar ou nas atividades produtivas na área rural, como as mulheres de “No Cafezal” (Figura 12), e é, ao mesmo tempo, as mulheres que mantêm o seu estatuto familiar vivendo de acordo com os princípios pregados pela sociedade patriarcal.

No início do século XX, a artista propôs uma figura feminina que não era novidade internacionalmente, mas inusitada no contexto brasileiro. A mulher de Georgina se diferenciava da tímida passagem feminina pela pintura de gênero proveniente do final do século XIX e estava distante da representação da mulher tropical, negra e mestiça, praticada pelas modernistas da Semana de 1922.

Figura 7. Dama, 1906. Georgina de Albuquerque



<https://arteref.com/nao-categorizado/georgina-de-albuquerque>

A obra *Dama* (Fig. 7), representa a mulher em um ambiente interno. Na pintura o principal parâmetro é o impressionismo e suas derivações. A paleta de cores luminosas é empregada com sensibilidade. Seu traje é composto por um azul claro iluminado. Existe um efeito corpete que enfatiza suavemente os seios da retratada. A paleta da artista se mantém com cores claras, com tons análogos de azul que se contrastam com o rosto e com a coloração do papel de parede. O rosto da modelo, boca, bochechas e cabelo curto, se complementam com o azul através da tonalidade vermelho alaranjado. A sua pele branca é também definida por momentos de cores quentes e frias. Assim como em outras representações femininas, Georgina utiliza pinceladas mais grossas que sinalizam traços translúcidos na pele da figura. A parede é revestida com tecido ou papel decorativo. A modelo parece estar analisando o espectador da obra. Sua coluna fica ligeiramente curvada e suas mãos recebem forças opostas. Ao segurar um leque da mesma cor de suas roupas, a outra mão também se fecha parecendo descansar sobre o leque, onde é perceptível o anel no dedo indicador. O uso da gargantilha de cor preta contrasta com o branco da pele da modelo.

Figura 8. Faceira, 1915. Georgina de Albuquerque



Fonte: Espaço de Artes Miguel Salles. Disponível em: <https://www.miguelsalles.com.br/peca.asp?ID=656336&tot=169&dia=&pesq=> Acesso em: 01/11/2023.

A pintura *Faceira* (Fig. 8), exposta em 1915, foi pintada em um ambiente interno. A paleta escolhida pela artista é de cores claras como amarelo, verde e rosa, e as pinceladas abertas alcançam a clareza e o brilho da pintura. Na pintura são abordados temas de feminilidade e vaidade feminina, representados por uma mulher se arrumando em seu espaço privado.

A obra retrata uma mulher sentada à penteadeira olhando seu rosto em um pequeno espelho. Há flores e frascos de perfume nos móveis, e o espelho reflete o perfil da mulher, oferecendo uma vista para a paisagem verde do lado de fora do quarto.

Figura 9. Manhã de Sol, 1920. Georgina de Albuquerque



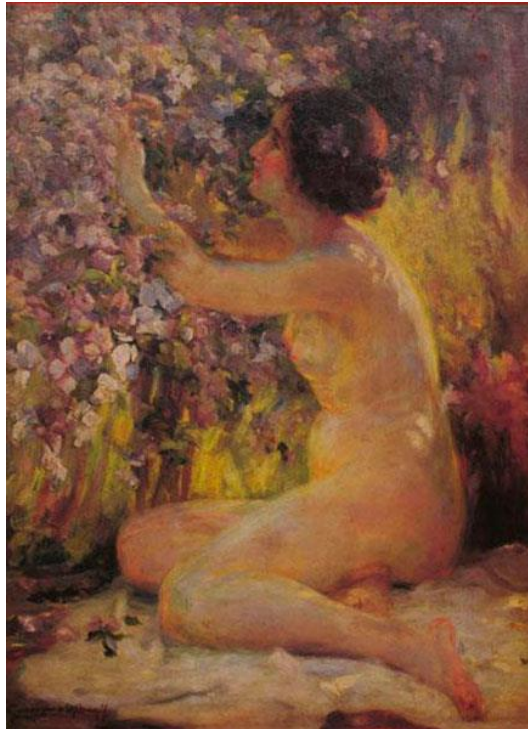
<https://br.pinterest.com/pin/515943701039604821/>

A tela apresenta tons azulados em destaque e a luz amarelada do dia. O foco principal é a figura feminina. Em composição vertical, na qual tudo aponta para cima, a moldura é feita pelas plantas em volta. A artista posiciona e seleciona o assunto principal, fazendo com que a obra tenha mais conteúdo do lado esquerdo, mas não implica na falta de equilíbrio da composição.

A obra é claramente impressionista, passando a impressão de ter sido pintada ao meio dia. Ao passo que a década de 20 avançava, era perceptível o aperfeiçoamento das técnicas de Georgina no sentido de deixar as cores e as

pinceladas mais marcadas, e o uso da sombra aparecia valorizando a luz, ao invés de diminuí-la. Nesse momento, o Impressionismo já estava consolidado.

Figura 10. Manacá, 1922. Georgina de Albuquerque



<https://arteref.com/nao-categorizado/georgina-de-albuquerque>

A modelo da pintura “Manacá” (Fig. 10) apresenta uma mulher sentada virada de lado para um jardim de flores, sobre um lençol de cor clara, completamente nua. A maneira como a personagem segura as flores ao seu lado, demonstra que está alheia ao que acontece ao seu redor, como acontece em Raio de Sol (Fig. 11).

Os tons suaves são bastante observados na pintura, assim como a luz solar que contrasta com o rosa da pele da modelo. Percebe-se que foram aplicadas pinceladas rápidas e soltas ao qual formam um jardim em tons rosa, verde, lilás e amarelo. Tons luminosos e vibrantes da carnação da mulher também são características da produção de Georgina, características essas, aprendidas durante a sua formação em Paris.

Figura 11. Raio de Sol, 1926. Georgina de Albuquerque



<https://artsandculture.google.com/asset/raio-de-sol/PgEp2Kfwf0gN2g?hl=pt>

A modelo da pintura está sentada sobre um lençol de cor clara, completamente nua ao mesmo tempo em que segura uma flor. A forma como a personagem segura a flor e abaixa a cabeça, mostra que ela está completamente alheia ao que está acontecendo ao seu redor. Os tons suaves são bastante observados na pintura, assim como a luz solar que contrasta com o rosa da pele da modelo. Percebe-se que foram aplicadas pinceladas rápidas e soltas ao qual formam um jardim em tons verdes e marrons. Nota-se a luz do sol ao fundo da tela, característica da arte impressionista. É perceptível os tons luminosos e vibrantes que são características constantes das obras de Georgina.

Figura 12. No Cafezal, 1926. Georgina de Albuquerque



Fonte: [https://pt.wikipedia,a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia,a%20enciclop%C3%A9dia%20livre%20(wikipedia.org)), Acesso em: 01/11/2023

Na pintura de Georgina Albuquerque (Fig. 12) são representadas mulheres capinando em uma plantação de café.

A utilização de cores quentes e frias harmonizam a pintura. Ao mesmo tempo em que o rosa e o vermelho também são destaque, dando equilíbrio aos tons mais claros como o branco e o azul.

No primeiro plano é notável a presença de uma delas de modo mais individualizado, trajando saia abaixo do joelho na cor azul pastel e blusa de mangas 3/4, as vestes harmonizam com as cores escolhidas para compor o céu do quadro, é evidente um lenço laranja compondo o traje.

É perceptível a luz própria em cada personagem do quadro, inclusive o solo onde observa-se que cada porção de terra tem sua luz própria, da mesma forma que no campo aberto, que vai se estendendo até o fundo do quadro. Os pés descalços das mulheres estão em contato direto com o solo e seguram enxadas nas mãos, característica do seu trabalho como trabalhadoras do campo. Suas expressões sugerem que eles não têm consciência do que está acontecendo ao seu redor, indicando que estão absortos em capinar as plantações de café.

Figura 13. Maternidade, 1930. Georgina de Albuquerque

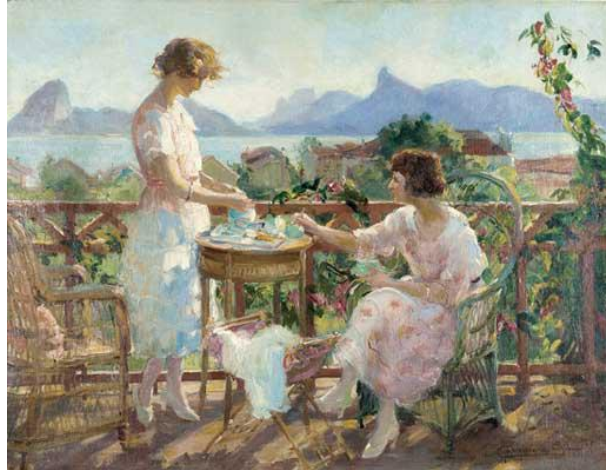


<https://leiovejoeescuto.blogspot.com/2017/07/georgina-de-albuquerque-maternidade.html>

Quando o assunto é maternidade, Georgina retrata esse tema com toda a sua sensibilidade. Maternidade (Fig. 13), pintada por Georgina, mãe e filha encontram-se num momento de relaxamento no parque. Debaixo da árvore, mãe e filha parecem felizes. A mãe sentada na cadeira segurando a filha que se encontra sobre uma mesa

com brinquedos, demonstra um momento de extrema harmonia e felicidade entre as duas. A paleta de cores escolhida por Georgina tem as cores rosa e verde que enfatizam o brilho da luz do dia na cena.

Figura 14. Paisagem do Rio de Janeiro, s.data. Georgina de Albuquerque



<https://www.elfikurten.com.br/2013/06/georgina-de-albuquerque-o.html>

Paisagem do Rio de Janeiro (Fig.14) é um quadro inegavelmente impressionista. Nele duas moças cariocas apreciam a paisagem e aproveitam o chá da tarde no terraço. Elas encontram-se ao redor de uma pequena mesa redonda. Os cabelos curtos permitem que vejamos o alongamento do pescoço. As suas vestes têm tons claros, o rosa e o azul pastel harmonizam com as cores escolhidas para compor o céu do quadro.

O destaque são os tons rosa e azuis que equilibram com tons mais escuros como os verdes que compõem a paisagem. É notória a luz própria nas personagens, inclusive o piso que foram utilizados tons em bege e marrom tem sua luz própria, da mesma forma que no fundo do quadro, isso porque Georgina faz bom uso da lei impressionista das sombras, que são sombras que não são completamente pretas, elas se misturam diante dos olhos do observador.

Figura 15. Roceiras, 1930. Georgina de Albuquerque



Fonte: Google Arts & Culture

A paleta de cores utilizada nesta obra indica o início da carreira, com a escolha de tons mais sóbrios, menos vibrantes ou saturados. Georgina apresenta duas figuras femininas que atuam como trabalhadoras de campo: uma vestida com cores quentes e vivas e outra com cores frias. Curiosamente, as roupas camponesas parecem se complementar. As cores estão mais próximas das cores utilizadas em Autorretrato (Fig.1). Mesmo sendo utilizadas cores quentes ao fundo, o trabalho foi feito para que os tons frios fossem destaque.

Pode-se identificar quatro planos: a moça com a faixa branca no cabelo, as duas estão sentadas à frente e o fundo com a vegetação. Mesmo essa obra não sendo impressionista e tendo acabamento, as paletas cromáticas são semelhantes às cores utilizadas em dia de verão (Fig.3), pintura impressionista de 1920 que demonstra maior maturidade técnica como relata Paula Ribeiro (2022) “À medida que a década de 1920 avançava, notamos que a técnica de Georgina se aperfeiçoava no sentido de deixar as cores e as pinceladas mais marcadas, e o uso da sombra aparecia valorizando a luz, ao invés de diminuí-la.”.

Além dos trabalhos já mencionados, Georgina em suas obras combina gestos corporais e expressões faciais. Predominam algumas mudanças formais e diferentes sugestões semânticas, desde um simples momento em ambiente interno, um momento de lazer ou uma pausa no trabalho do campo das “Roceiras”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa breve trajetória de Georgina de Albuquerque posta nesta pesquisa nos indica como o seu propósito a tornou uma artista respeitável nacionalmente. Teve uma vida produtiva, lutando contra todos os obstáculos impostos pela sociedade em se tratando de uma mulher artista. O companheirismo de Lucílio de Albuquerque, seu marido, foi de extrema importância para a consolidação do seu trabalho, o qual teve início muito cedo, com forte influência da sua mãe.

Georgina começou a estudar com o pintor italiano Rosalbino Santoro em sua cidade natal, explorando a paisagem do interior de Taubaté. Georgina foi provavelmente influenciada pela pintura de paisagem e, posteriormente, pela pintura ao ar livre que explorou técnicas impressionistas.

Após retornar ao Brasil, Georgina acumulou trabalhos, elogios da crítica e menções em jornais e revistas. O seu trabalho é rico esteticamente e tecnicamente, e a sua capacidade artística é inegável, com um profundo conhecimento das técnicas, especialmente do enfoque impressionista. Não é difícil inferir que, no início do século XX, as atividades artísticas das mulheres eram consideradas atividades para moças talentosas e que almejavam o casamento.

É importante lembrar que ao inserir a mulher na pintura como sujeito que contribuiu para a sua própria subsistência e a do país, Georgina estabeleceu a relevância das personagens femininas na obra por meio da representação pictórica. Ao incorporar as mulheres nas suas pinturas promoveu o protagonismo feminino. “Georgina deixou de ser apenas uma entre os tantos grandes artistas de sua época e passou a ser lembrada pelas inovações e demais atividades realizadas além da produção artística em si” (Ribeiro, 2022, p.143). Considerando as conquistas de Georgina, seu reconhecimento foi merecido e importante para reverter o apagamento de parte da história da arte feminina brasileira.

Georgina significou mais para mim do que eu jamais poderia imaginar, e cada descoberta, cada pesquisa que resulta disso, me fazia querer saber mais sobre seu trabalho. Sua história, sua trajetória de mulher talentosa e sensível, cujo trabalho é rico esteticamente e tecnicamente merecem ser conhecidos e estudados, a sua capacidade artística é inegável e o seu conhecimento técnico, principalmente as voltadas para o uso da cor para a iluminação são de grande importância para a história da arte e isso merece ser resgatado.

Falar de Georgina de Albuquerque não se trata apenas da inclusão da mulher na arte, mas da ausência de tantas outras. A pintora privilegiou temas como o universo feminino, o corpo, as cenas do cotidiano, a casa e o trabalho, e pintou na perspectiva de uma mulher que ousou ser artista numa época em que arte era palavra masculina.

Apesar de inúmeras citações em sites da internet e trabalhos acadêmicos, fica a questão: por que Georgina Albuquerque ainda não é tão estudada e suas obras de arte não são apresentadas na escola? Isso se dá pelo fato de as mulheres terem sido tolhidas das criatividades artísticas, de explorar seus talentos, tudo isso porque a algum tempo atrás a arte era exclusividade dos homens. E quem contou a história dessas mulheres? Na maioria das vezes essas histórias eram contadas pelos homens e esses mesmos homens omitiram as grandes mulheres da história da arte.

Aos poucos as mulheres foram ganhando espaço, isso se deve pelo fato de a mulher ser tão talentosa quanto o homem e esse grande potencial artístico deve ser explorado.

Portanto, estudar em sala de aula a trajetória de uma artista mulher como Georgina de Albuquerque torna-se uma opção muito rica, não só em termos de arte, mas também em disciplinas que proporcionam conhecimento sobre a história do Brasil, cujo nome de Georgina, por causa de seus méritos, deveriam figurar no conhecimento da história brasileira. Os(as) docentes precisam compreender a história e a trajetória dessa grande mulher que foi tão importante para a história e a História da Arte do nosso país.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Georgina de. **O desenho como base no ensino das artes plásticas**.1942. Tese (Livre Docência) - Escola Nacional de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1942.
- ALVES, Caroline Farias. **De princesa Leopoldina a Nair de Teffé: A construção de uma iconografia feminina por Georgina de Albuquerque**. Atas do XI EHA– Encontro de História da Arte, UNICAMP: 2015.
- BARBOSA, Ana Mae. **(Des) memórias: por uma revisão feminista da História da Arte no Brasil**. Cartema, v. 8, n. 8, p. 143-165, 2020.
- CABO, Isabela Alves do, **Uma promessa: o marco de Georgina de Albuquerque na arte nacional nas primeiras décadas do século XX**, 2022.
- COSTA, Angyone. **A Inquietação das abelhas**. Rio de Janeiro : Pimenta de Mello & Cia. , 1927, p. 90-91.
- GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Mulheres e artes visuais no Brasil: caminhos, veredas, descontinuidades**. Visualidades. Goiânia, 2008. Vol. 6, n. 1/2 (jan./jun. 2008-jul./dez. 2008), p. 13-31, 2008.
- LOUZADA, Júlio. **Artes Plásticas Brasil – seu mercado – seus leilões**. Editora Inter/Arte/Brasil. 1992, v. 4, p. 31 e 32)
- NOGUEIRA, Manuela Henrique. **Georgina de Albuquerque: trabalho, gênero e raça em representação**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- RIBEIRO, Paula de Souza. **Trilhas e travessias: a trajetória de Georgina de Albuquerque e a atuação das artistas no Brasil nos séculos XIX e XX**. 2022. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022.
- SILVA, Thais Canfil. **A representação do nu feminino nas obras de Georgina de Albuquerque**. Encontro de História da Arte, n. 13, p. 1118-1130, 2018.
- SILVA, Thais Canfil. **A Trajetória de Georgina de Albuquerque no ensino das Artes Plásticas no Rio de Janeiro**, 2021.

SIMIONI, A. P. C. **Entre convenções e discretas ousadias: Georgina de Albuquerque e a pintura histórica feminina no Brasil.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, p. 143-159, 1 out. 2002.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão Artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2008, 360p., ISBN 8531410754.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **A viagem a Paris de artistas brasileiras no final do século XIX.** Tempo Social, v. 17, p. 343-366, 2005.

SOUZA, Adelaide Cerqueira Lima de. **Luz, conflito e harmonização na pintura de Georgina de Albuquerque: obras de 1920-1926** / Adelaide Cerqueira Lima de Souza. p. 91 – Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

TORRES, Niedja Ferreira dos Santos. **O ensino do desenho na escola de belas artes de Pernambuco (1932 a 1946).** 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

ZACCARA, Madalena. **Uma artista mulher em Pernambuco no início do século XX:** Fédora do Rego Monteiro Fernandez. 19&20, Rio de Janeiro, v. VI, n. 1, jan./mar. 2011.